

## ADMINISTRANDO CONFLITOS NA RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA: PROPOSTAS DE INTEGRAÇÃO PARA GESTÃO ESCOLAR

**José Augusto Nogueira de Sousa**

Estudante, FSJT, Rio de Janeiro, joseaugustons@gmail.com.br.

**Alborina Matos Paiva, M. Sc.**

Orientadora, FSJT, Rio de Janeiro, profalberina@hotmail.com

### **Resumo**

O presente estudo visa analisar através de uma revisão bibliográfica tipos diferentes de conflitos vivenciados pelos diretores/gestores escolares nas U.E., a fim de tornar conhecidos pelos gestores e profissionais de educação que ainda não o vivenciaram.

A pesquisa tem como objeto de estudo a investigação priorizando os principais seguimentos desta relação como os diretores, professores, funcionários da Unidade Escolar (U.E.), alunos e a família a fim de desenvolver um instrumento de referência Educacional para Gestão de conflitos no âmbito das U. E.

Diferentemente, este trabalho traduz o esforço de reunir e apresentar a propostas pedagógicas de diferentes atores envolvidos na relação: os pais, os alunos e a escola, representada por seus professores e profissionais de educação.

Sendo assim, um importante desafio surge para os pesquisadores, estudiosos e profissionais da educação: o de modificar a relação família-escola no sentido de que ela possa ser associada a eventos positivos e agradáveis e que, efetivamente, contribua com os processos de socialização, aprendizagem e desenvolvimento, tendo como parâmetro a relação Escola e Família.

**Palavras chaves:** Escola e Família, Propostas de Integração, Conflitos e Gestão Escolar.

## INTRODUÇÃO

O Gestor escolar, através de sua liderança, é o profissional com maior influência na determinação do *Ambiente Organizacional* (A.O.) da Unidade Escolar (U.E.). Toda sua contribuição administrativa afeta diretamente no *O.A.*

O Gestor Escolar é conhecido nas escolas como o Diretor Escolar, geralmente é um cargo comissionado que é direcionado a professores de diversas disciplinas e ou para pedagogos com ou sem especialidades, isso quando não é escolhido um representante da comunidade. Muitos desses profissionais foram levados a acreditar que pra gerenciar uma escola era uma tarefa fácil, provavelmente, por terem vivenciados já o dia-dia da escola, portanto acabam aceitando o desafio.

Só que o desafio não é tão simples assim, é falho afirmar que bom funcionamento de uma Unidade Escolar se faz apenas por professores e profissionais de educação de excelência, claro que se o recurso humano disponível é de excelência o processo de gerenciamento tende ao sucesso. Porém, a grande dificuldade dos gestores é buscar métodos e modelos de gestão adequados ao seu ambiente organizacional. Normalmente aplicam métodos que obtiveram sucesso em outras unidades que é um grande erro. Não têm fundamento à busca de um modelo padrão de gestão que não tem os mesmos aspectos sociais, políticos e econômico de sua U.E.

Para uma boa gestão é necessário que o Gestor saiba muito bem o seu papel dentro do sistema organizacional escolar, já que é o Mentor (líder) do grupo, é ele que influência na administração das relações entre os profissionais de educação (EU), comunidade (mão e aluno) e profissionais da secretaria. È importante que tais relações possam ser vivenciadas anteriormente, já que se caracterizam por relações de conflitos.

Não eliminar conflitos dentro da escola é permitir que o ambiente escolar torna-se estressante e sem liderança podendo influenciar negativamente no aprendizado dos alunos.

Um dos aspectos que mais dificulta o processo organizacional nas U. E. sem dúvidas são os conflitos referentes à gestão escolar. Os conflitos não caracterizam-se apenas por comportamentos violentos mais também por diferenças de opiniões e vontades, nesse caso, é necessário à intervenção habilidosa e competente de um bom gestor escolar afim de contornar a situação.

Assim, o presente estudo visa analisar através de uma revisão bibliográfica tipos diferentes de conflitos vivenciados pelos diretores/gestores escolares nas U.E., a fim de tornar conhecidos pelos gestores e profissionais de educação que ainda não o vivenciaram.

Ressalto que cada indivíduo tem plena autonomia na influência sobre o contexto em que está inserido e por menor seja possíveis interferências pode resultar no poder de consciência de sua participação efetiva no processo, já que o mesmo é participativo e coletivo, necessitando assim da participação de todos os pares envolvidos, daí a grande preocupação com os gestores.

O insucesso de um dos pares pode colocar em evidência uma boa administração, se reforça se pensarmos em que todos os envolvidos têm o seu papel e sua importância na organização, sem falar das figuras do professor, da família e do estado.

A definição de conflito pode ser confundida por muitos como qualquer problema enfrentado dentro do ambiente escolar, mas não é bem esses que o trabalho trata.

A melhor maneira de se definir o que é um conflito é descrito por CHRISPINO, 2007.

”Conflito é toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento. São exemplos de conflito interpessoal a briga de vizinhos, a separação familiar, a guerra e o desentendimento entre alunos, professores e funcionários da escola.”

## **METODOLOGIA**

Este trabalho de conclusão de curso trata-se de uma pesquisa exploratória, baseada na coleta de dados bibliográficos dos autores: Hernández, Marques e Oliveira, cujas obras estão relacionadas com a proposta: administrando conflitos na relação escola e família: propostas de integração para gestão escolar.

Segundo Lakatos (1992, p.44):

“A pesquisa bibliográfica permite compreender que, se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro, tanto a pesquisa de laboratório quanto à de campo (documentação direta) exigem, como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe analisar e solucionar. A pesquisa bibliográfica

pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda pesquisa científica”.

A metodologia de estudo utilizada é classificada como teórica, tendo sido utilizados livros e sites de pesquisas que contribuem para o esclarecimento dos profissionais da educação.

## **RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA**

No enfoque sociológico a família é responsabilizada pela formação social e moral do indivíduo, no enfoque psicológico ela é responsabilizada pela formação psicológica. A ideia de que a família é a referência de vida da criança será utilizada para manter certa ligação entre o rendimento escolar do aluno e sua dinâmica familiar, colocando, mais uma vez, a família no lugar de desqualificada (OLIVEIRA, 2002).

Nos aspectos de ordem emocional e afetiva ganham um colorido permanente quanto ao entendimento da relação família-escola e da ocorrência do fracasso escolar. Ganha status natural à crença de que uma “boa” dinâmica familiar é responsável pelo “bom” desempenho do aluno. As descrições centradas no plano afetivo ganham a atenção dos professores que, com algum conhecimento de psicologia, levam esse discurso para dentro da sala de aula e passam, em um processo naturalizado por todos, a avaliar e analisar o comportamento dos alunos. (OLIVEIRA, 2010).

Refletindo com Oliveira 2010 a escola tem sim sua culpa em estereotipar a família pelo mau comportamento dos alunos, trazendo a tona um dos conflitos educacional mais presenciado nas U.E., em que os mesmos são “*sem educação*”.

Em relação ao “rótulo” que é imposto para família atualmente em que ela não se preocupa com o dia-dia do aluno nas E.U. está muito associado com que foi relatado por MARQUES, 1999, p.15.

“No relato de muitos professores há a afirmação de que, apesar de abrirem as portas da escola à participação dos pais, esses são desinteressados em relação à educação dos filhos, na medida em que atribuem à escola toda a responsabilidade pela educação. Esta argumentação dos professores “visa, apenas, culpar a vítima e é uma visão pessimista das relações escola/pais” (a partir da qual não se consegue dar passos positivos para ultrapassar os obstáculos à relação família-escola).”.

Ao contrário dos professores que acreditam que os pais é que devem ir à escola mostrando-se interessados pelo desenvolvimento de seus filhos e pela relação entre família e escola, Tancredi e Reali (2001), Reali e Tancredi (2002) acreditam que a construção da parceria entre escola e família é função inicial dos professores, pois eles são elementos-chave no processo de aprendizagem.

Todavia, apesar desse discurso em que se fala que a escola é que deve ir às famílias, os modelos de envolvimento entre as famílias e a escola focalizam principalmente os pais e se referem pouco às ações dos professores e da escola na promoção da relação família-escola, como mostram Joyce Epstein, Don Davies e Owen Heleen (MARQUES, 1999).

Porém alguns relatos mostram que a escola só vai até as casas dos familiares quando os alunos sofrem de um mal estar ou quando são acompanhados pelo conselho tutelar, para se resolver problemas vinculados às violências ou frequência escolar.

Junto a diretores e professores percebe-se, também, a pouca tendência da escola para buscar uma parceria. É interessante observar a colocação acerca do posicionamento contraditório dos diretores e professores que, por um lado, “acusaram os pais de falta de compreensão ou aceitação dos problemas das crianças, e o pouco retorno de seus esforços para ajudá-los” (HERNÁNDEZ, 1995, p.107), mas, por outro lado, sentem-se invadidos pela presença dos pais, pois consideram que os pais não sabem participar com uma relação de colaboração, mas sim de cobrança, uma vez que não entendem do processo de ensino-aprendizagem.

Tais tentativas, mesmo bem sucedidas não são bem recebidas pela família, como por exemplo, quando a escola encaminha o aluno para assistência psicológica ou de tratamentos especiais. O relato dos professores e direção é que a família acha que estão chamando seus filhos de “maluco”. Da mesma maneira acontece com as tentativas de P.I. em que as parcerias (palestrantes, instituições e outras secretarias), que desenvolve suas atividades referentes aos temas sexualidade, violência doméstica, uso de drogas, pedofilia, exploração de mão de obra infantil, dentre outros tabus sustentado pela sociedade.

Neste contexto, com bem argumentou OLIVEIRA (2011. pág.55-56).

“À família são impostos limites para entrar em questões próprias da escola, como no campo pedagógico. Mas o mesmo parece não acontecer com a escola em relação à sua entrada na família, pois aquela acredita estar autorizada a penetrar nos problemas domésticos e a lidar

com eles, além de se considerar apta a estabelecer os parâmetros para a participação e o envolvimento da família”.

Em relação ao supracitado constatamos a falta de participação e democratização no processo pedagógico e administrativo, já que se as partes tivessem seus papéis definidos o cenário seria outro e este específico conflito não teria surgido daí a necessidade de se estabelecer uma *Gestão participativa e democrática*.

A falta de comunicação e os conflitos normalmente são enfrentados de maneira passiva em que a solução é resolvida pela intermediação escola- aluno de maneira unilateral no que restringe as manifestações familiares e suas participações.

Quanto ao tipo de interação estabelecido entre professores e famílias, “além de dar uma falsa aparência de intimidade, dá ao professor o controle do ‘diálogo’ mantido” (TANCREDI & REALI, 2001), já que as famílias são recebidas nos portões da escola, ou na porta da sala de aula, a partir da reivindicação das próprias famílias, e pouco tempo é dedicado a esta interação.

As famílias não são vistas pelos professores como parceiras que têm objetivos comuns, apesar de estas se mostrarem conscientes do importante papel da escolarização na vida dos filhos, e de estarem dispostas a contribuir com a escola (REALI & TANCREDI, 2002). Na compreensão dos professores, o apoio dos pais no processo de ensino “se limita a reforçar aquilo que o professor realiza e pede às crianças, ao invés de sugerir que os pais poderiam se envolver mais com questões escolares de maneira mais participativa e recíproca” (BHERING, 2003, p.499).

Pesquisa com professores e diretores também apontou que o principal aspecto positivo ou vantagem da aproximação da família com a escola é o envolvimento dos pais na educação dos filhos. Este envolvimento diz respeito “a atitudes de corresponsabilidade e interesse dos pais com o processo de ensino-aprendizagem incluindo a participação ou colaboração em atividades, em eventos ou solicitações propostas pela escola” (HERNÁNDEZ, 1995, p. 59).

Quanto às dificuldades encontradas no estabelecimento de relações harmoniosas, pode-se citar a forma que a escola adota, geralmente, para estabelecer contato com as famílias, a qual é unidirecional (parte da escola para a família) e motivada por situações de baixo rendimento escolar e de mau comportamento dos alunos (BHERING, 2003).

Na visão das famílias as interações estabelecidas com a escola ocorrem nos horários de saída, nas reuniões de pais convocadas pela escola ou em datas comemorativas, o que ilustra

um relacionamento superficial e limitado a situações “formais”, como as reuniões bimestrais e as comemorações, ambas organizadas pela escola (REALI & TANCREDI, 2005).

Quanto à função de cada um (pais e professores), embora apresentem preocupações comuns, como o bom desempenho escolar das crianças, pais e professores acreditam ter tarefas diferentes e mostram-se relutantes em fazer aquilo que consideram ser tarefa do outro. Para os pais, os professores deveriam manter a educação escolar como sua responsabilidade, enquanto aos pais caberia assegurar que as crianças estivessem prontas para a educação escolar (BHERING, 2003).

## **PROPOSTAS DE INTEGRAÇÃO**

### **a) Apresentar a escola e funcionários para a família**

Convidar os pais para conhecer as instalações e, principalmente, a equipe pedagógica e os funcionários é fundamental para que eles se apropriem do espaço e se sintam à vontade para fazer parte dele. Esse momento pode acontecer antes ou após a matrícula e serve para que os gestores exponham o funcionamento e a rotina da escola e informem sobre as atividades extraclasse. Explique a finalidade de cada ambiente e a função dos profissionais que ali trabalham, apresentando-os pelo nome. Aproveite para compartilhar as regras de funcionamento previstas no Regimento Escolar. Ao comunicá-las aos pais, abre-se um canal de diálogo sobre os direitos e deveres de cada um. Se possível, faça com que os professores conheçam os familiares antes do início das aulas.

### **b) Entrevistar os pais e os alunos**

Conhecer para quem se trabalha. As matérias-primas de qualquer relação humana são o interesse, a compreensão e o respeito. Para que a escola tenha uma parceria efetiva com as famílias e direcione as ações que favoreçam a aprendizagem, ela precisa saber quem é o seu público. O ato da matrícula é o momento ideal para a primeira entrevista. Aborde assuntos como a história de vida da criança e a experiência escolar anterior. Conversas individuais com pai e mãe ao longo do ano ajudam a identificar as habilidades dos alunos que possam ajudar professores e coordenadores a traçar as melhores estratégias de ensino. "O princípio do educador é acreditar no ser humano. Toda criança tem um potencial e a colaboração com as famílias é um atalho para descobrir uma forma eficaz de cada aluno avançar", afirma a psicopedagoga Valéria Dias Gomes, do Centro Universitário do Triângulo, campus Uberlândia, BH.

### **c) Expor o currículo e os projetos**

No documento mais importante da escola, já devem estar previstas as possíveis contribuições das famílias. Exemplos: pais, mães e avós podem ser convidadas para falar durante o desenvolvimento de atividades sobre profissões e brincadeiras de infância. Dessa forma, a escola valoriza os conhecimentos da comunidade e fortalece o vínculo com ela. No projeto político pedagógico, podem estar listadas outras ações institucionais, como campeonatos entre pais, oficinas em que a família constrói brinquedos, rodas em que os pais contam histórias ou escutam as lidas pelos alunos e os eventos de finalização dos projetos desenvolvidos pelas turmas com a presença dos pais.

### **d) Fazer uma reunião de pais focada no ensino**

"A reunião para falar mal dos estudantes e compartilhar somente problemas não serve para nada. Os encontros devem mostrar as intenções educativas da escola e a evolução da aprendizagem e discutir estratégias conjuntas para melhorá-la", acredita Pedro de Carvalho da Silva, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, em Portugal. Durante a pesquisa *As Escolas e as Famílias em Portugal - Realidade e Perspectivas*, com famílias consideradas ausentes da Educação dos filhos, o professor verificou que o principal motivo da não participação era a pauta das reuniões: "Elas eram chamadas para ouvir comentários negativos sobre os filhos ou sobre a maneira de educar em casa". Na E.E. Leopoldo Miranda, em BH, o foco dos encontros é sempre a aprendizagem. E isso desde a primeira reunião, em que os pais dos 1,4 mil alunos ocupam o pátio da escola. No evento, a diretora, Lilianne Marino, entrega o calendário e as regras da escola e apresenta o projeto político pedagógico. Ela faz um balanço do ano anterior e informa sobre as metas, organizadas em uma planilha e classificadas por cores: em verde estão as que foram atingidas e em vermelho aquelas em que a escola precisa melhorar. Nas outras reuniões, os pais são convidados para ver produções dos filhos e recebem um relatório sobre os avanços na aprendizagem.

### **e) Marcar encontros em horários convenientes aos pais**

Uma medida simples e bastante eficiente para garantir uma reunião com um quórum significativo é marcá-la em data e hora que permitam aos pais comparecer. Todos sabem que



homens e mulheres enfrentam duplas jornadas, dividindo o dia entre os afazeres de casa e os profissionais. Não adianta agendar a reunião para as 15 horas de uma quarta-feira porque a sala ficará vazia. O ideal é fazer uma enquete com as famílias para saber quais são os horários mais adequados à maioria. Informe com antecedência o dia do encontro, assim como a pauta, o tempo de duração e os momentos previstos para as falas de pais, gestores e professores.

#### **f) Expor a produção dos alunos**

Ao compartilhar com a comunidade o que as crianças fazem em sala de aula, os gestores mostram o que importa no processo. É possível expor as produções dos alunos nos diferentes espaços da escola e da comunidade durante o ano, de modo que todas as turmas tenham a possibilidade de mostrar o que aprenderam. Assim, os alunos saberão respeitar as atividades realizadas pelos colegas e os pais terão a oportunidade de acompanhar a produção dos filhos. Portfólios, cadernos, avaliações e trabalhos coletivos e individuais são os registros materiais que documentam os avanços da garotada. Eles devem estar sempre em ordem, apresentáveis e disponíveis para os pais.

#### **g) Informar a comunidade sobre o desempenho da escola**

Ferramentas tradicionais, como murais, bilhetes, diário dos alunos e demais comunicados impressos, são instrumentos que servem para informar sobre o funcionamento da escola, prestar contas, convocar reuniões e compartilhar os projetos em andamento. Na era da informática, as escolas com computador e acesso à internet podem ter outros canais de comunicação que facilitem a interação. A criação do site da escola com espaço para comentários dos visitantes, de listas de discussão, fóruns e blogs é um exemplo. Os resultados de avaliações como a Prova Brasil e as feitas por sistemas estaduais e municipais, pela importância que têm para o diagnóstico da escola e o planejamento de ações futuras, não devem ser comunicados por escrito. Eles merecem ações mais formais de divulgação. Para eles, convoque uma reunião específica com pais, funcionários e equipe pedagógica da escola para discutir os dados.

#### **h) Abrir uma Associação de Pais e Mestres**

As Associações de Pais e Mestres APMs são organizações da sociedade civil que dão apoio às questões financeiras em prol das necessidades pedagógicas e administrativas. Enquanto os conselhos têm uma função basicamente consultiva, as APMs constituem, pela sua natureza jurídica, os braços executores. Elas podem receber recursos públicos vindos de programas oficiais - como o Programa Dinheiro Direto na Escola, do governo federal, e

outros específicos das redes às quais pertencem - e têm a possibilidade de arrecadar contribuições da comunidade. Além dos pais, elas serão mais representativas se contarem com a presença de professores que ainda estão na ativa e aposentados, alunos e ex-alunos que ainda mantenham vínculo com a instituição e moradores e empresários da comunidade. A participação deve ser aberta a todos os interessados. Contudo nada impede que um convite pessoal seja feito para aqueles que acompanham mais de perto a vida da escola. Algumas redes estaduais e municipais têm normas que regulamentam a formação das APMs. Procure se informar sobre o estatuto da sua região na Secretaria de Educação e procure os materiais distribuídos gratuitamente pelo Ministério da Educação (MEC).

#### **i) Incentivar a participação no conselho escolar**

É no conselho escolar que são debatidas a aplicação dos recursos financeiros, a compra de materiais pedagógicos e as estratégias adequadas para a superação dos mais variados problemas relacionados com o dia a dia da instituição. Quando ele é bem estruturado, ajuda o gestor a definir a personalidade da escola. Os conselheiros passam a ser verdadeiros parceiros na tomada de decisões para a melhoria da qualidade do ensino, tornando a gestão mais democrática. Algumas redes têm normas que regulamentam a formação dos conselhos. O MEC também disponibiliza material para a implantação nas escolas. O conselho da EMEF Jean Piaget, em Porto Alegre, é muito ativo graças à integração entre gestores e famílias. "Desde o início, chamamos para participar pais e professores que tinham uma forte ligação com a escola e a comunidade. Como estavam sempre presentes, já sabiam das necessidades e estavam dispostos a colaborar por um objetivo comum", conta a vice-diretora, Sabrina Garcez. Em uma das reuniões, os gestores mostraram o quanto à evasão prejudicava a avaliação e a imagem da escola. Os membros do conselho decidiram conversar com as famílias. Foi assim que Mário Virgulino e Nilza Satim conseguiram que Everton Gabriel Araujo, neto de Maria Lurdes Macedo, retornasse às aulas. "Em dois anos, reduzimos em 95% a evasão e o nosso projeto se tornou modelo para a cidade", afirma Paulo Alécio Muhl, diretor da Jean Piaget.

#### **j) Emprestar o espaço para eventos da comunidade**

A escola pode abrir a quadra, o pátio e até as salas de aula para pais e vizinhos e oferecer atividades esportivas, culturais e sociais quando esses ambientes não estiverem sendo utilizados pelos alunos. Para que essa iniciativa dê certo, é preciso que a gestão estabeleça normas claras e organize os horários adequados para garantir a segurança dos usuários e do patrimônio, além da utilização compatível com os objetivos da escola. Essa ação tem sido transformada em políticas públicas por algumas redes, que a incentivam e dão subsídio para

que ela aconteça, na medida em que atende a uma necessidade do público por um lugar organizado para o lazer. A comunidade, por sua vez, passa a respeitar o espaço que utiliza.

#### **l) Criar uma escola de pais com palestras e debates**

"Sempre que possível, a escola deve ser uma referência para as famílias, ajudando-as a compreender melhor os filhos e a realidade. Ela pode levantar o debate sobre as questões sociais e culturais mais presentes no cotidiano da comunidade", acredita Maria do Carmo Brant, do Cenpec. Encontros com especialistas em saúde, nutrição, aprendizagem, higiene e debates sobre violência e psicologia infantil são assuntos que interessam a todos. Além disso, é uma forma de, por meio da informação e da análise, favorecer a transformação do entorno.

#### **m) Visitar as famílias em casa**

Sair da escola para conhecer o bairro, a residência e os pais dos estudantes pode ser uma experiência e tanto para gestores e docentes. Com essa prática, eventuais problemas de comportamento ou dificuldade em sala de aula têm mais chances de ser compreendidos e resolvidos. Em Taboão da Serra, município da Grande São Paulo, o Programa de Interação Família e Escola, no qual professores e diretores visitam a casa dos alunos, transformou a realidade do município e da Educação local, melhorando a aprendizagem e reduzindo a evasão. Para que uma iniciativa assim dê certo, é preciso organizar um calendário e verificar quais membros da equipe estão dispostos a participar, assim como as famílias que aceitam receber os educadores.

#### **n) Promover festas e comemorações**

Assim como as atividades esportivas e culturais, as festas não devem ser as únicas oportunidades para contar com a presença de pais e mães na escola. Contudo, elas são ótimas chances para criar uma relação mais próxima e conversar sobre os filhos. As famílias mais presentes até assumem a organização de eventos e outras iniciativas propostas pela escola. Na EMEF Jesus de Nazaré, em Açailândia, a 600 quilômetros de São Luís, pais como José Silva dos Santos estão sempre presentes para ajudar no dia a dia da escola. Em eventos como a tradicional Festa Junina, ele aproveita para pendurar bandeirinha com o professor de Educação Física, Ezau Souza, e conversar sobre o desempenho do filho. "A presença deles nas comemorações é só parte do que acontece durante o ano todo", diz a diretora, Marta Gomes. A política de portas abertas da gestora deixa os pais à vontade para que frequentem a escola não somente nas reuniões, mas sempre que precisam tirar dúvidas e se informar sobre

os filhos. "Deixo claro que não há ninguém melhor do que eles para cobrar o bom desempenho dos professores e da equipe gestora." Porém alguns cuidados são necessários ao planejar as comemorações: as festas não podem desrespeitar a liberdade religiosa das famílias nem ter participação obrigatória.

#### **o) Educação inclusiva**

Como bem abordado por MINAYO (2003) os princípios da educação inclusiva são corretamente implementados, surgem os seguintes resultados imediatos:

- As escolas regulares se transformam em unidades inclusivas enquanto as escolas especiais vão se tornando centros de apoio e capacitação para professores, profissionais e demais componentes dos sistemas escolares.
- Medidas as mais diversas de adequação dos sistemas escolares às necessidades dos alunos, são implementadas, nas seis dimensões de acessibilidade, quais sejam:
  - Acessibilidade arquitetônica, sem barreiras ambientais físicas em todos os recintos internos e externos da escola e nos transportes coletivos.
  - Acessibilidade comunicacional, sem barreiras na comunicação interpessoal (face-a-face, língua de sinais, linguagem corporal, linguagem gestual etc.), na comunicação escrita (jornal, revista, livro, carta, apostila etc., incluindo textos em braile, textos com letras ampliadas para quem tem baixa visão, notebook e outras tecnologias assistidas para comunicar) e na comunicação virtual (acessibilidade digital).
  - Acessibilidade metodológica, sem barreiras nos métodos e técnicas de estudo (adaptações curriculares, aulas baseadas nas inteligências múltiplas, uso de todos os estilos de aprendizagem, participação do todo de cada aluno, novo conceito de avaliação de aprendizagem, novo conceito de educação, novo conceito de logística didática etc), de ação comunitária (metodologia social, cultural, artística etc. baseada em participação ativa) e de educação dos filhos (novos métodos e técnicas nas relações familiares etc).
  - Acessibilidade instrumental, sem barreiras nos instrumentos e utensílios de estudo (lápiz, caneta, transferidor, régua, teclado de computador, materiais pedagógicos), de atividades da vida diária (tecnologia assistiva

para comunicar, fazer a higiene pessoal, vestir, comer, andar, tomar banho etc) e de lazer, esporte e recreação (dispositivos que atendam às limitações sensoriais, físicas e mentais, etc).

- Acessibilidade programática, sem barreiras invisíveis embutidas em políticas públicas (leis, decretos, portarias, resoluções, medidas provisórias etc), em regulamentos (institucionais, escolares, empresariais, comunitários etc) e em normas de um geral.
  - Acessibilidade atitudinal, por meio de programas e práticas de sensibilização e de conscientização das pessoas em geral e da convivência na diversidade humana resultando em quebra de preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações.
- Aplicação da teoria das inteligências múltiplas na elaboração, apresentação e avaliação das aulas, fato que vem ampliando as formas de aprendizagem dos alunos e de ensino por parte dos professores, assim como as formas de relacionamento dos pais com seus filhos, as relações de amizade e de estudo entre os alunos etc.
  - Incorporação dos conceitos de autonomia, independência e empoderamento nas relações entre todas as pessoas que compõem cada comunidade escolar.
  - Práticas baseadas na valorização da diversidade humana, no respeito pelas diferenças individuais, no desejo de acolher todas as pessoas (princípio da rejeição zero), na convivência harmoniosa (princípio da cooperação e colaboração), na participação ativa e central das famílias e da comunidade local em todas as etapas do processo de aprendizagem e, finalmente, na crença de que qualquer pessoa, por mais limitada que seja em sua funcionalidade acadêmica, social ou orgânica, tem uma contribuição significativa a dar a si mesma, às demais pessoas e à sociedade como um todo.

#### **p) Escolas abertas**

Algumas experiências têm sido feitas em nível local pelo Brasil afora – umas referidas a políticas que envolvem o conjunto da Rede Pública e outras desenvolvidas isoladamente por iniciativa das próprias escolas –, buscando realizar aquilo que defendemos: tornar a escola pública um espaço mais permeável à presença culturalmente ativa dos jovens. Tais projetos se aproximam em termos de concepções gerais. Encaram a instituição escolar como um bem de

consumo coletivo. Portanto, como espaços que se abrem em fins de semana (mas não só neles) para serem apropriados pelos jovens. Dessa forma, as iniciativas inscrevem a escola e seu uso no campo dos direitos da juventude, ainda que em muitos casos os discursos dominantes se orientem pelo funcionalismo do controle social do tempo livre e pela profilaxia da violência.

As boas práticas de abertura das escolas em fins de semana aproximam-se ainda pelo fato de não contarem com a pretensão de acabar ou “estancar” aquilo que vem sendo chamado de violência escolar. Seus objetivos não se encontram inscritos em tentativas de “frear” ou mesmo coibir comportamentos. Numa outra perspectiva, busca fazer da escola pública um espaço possível de formação, conhecimento e expressividade juvenil. Dessa forma, inserem a discussão sobre os direitos da juventude e a possibilidade de construção de cidadania no centro do debate da escola.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao observar e analisar as informações nos periódicos citados concluo que é de grande importância à discussão da temática já que uma vez conhecido o tipo de conflito pode-se estabelecer propostas de integração, para assim resolvê-lo.

A lição que aprendi é que os conflitos não devem ser erradicados, devem ser bem gerenciados, o espaço educacional necessita de diversidade de ideias e opiniões, sendo assim quando bem gerenciadas contribuem para a qualidade profissional e educacional.

Apesar da escola e família serem agências socializadoras distintas, as mesmas apresentam aspectos comuns e divergentes.

Motivado pelos resultados reitero meu desejo de disseminar, se possível, o conhecimento de tais práticas de integração já desenvolvidas, o motivo pelo qual é por reconhecer que ao observar tais propostas os demais profissionais podem adequá-las as suas distintas situações e realidades, obtendo assim sucesso.

A questão mais relevante do meu estudo é sensibilizar a escola (gestão, supervisão, coordenação, professores e demais profissionais) no caso todos os funcionários, que é a responsável por estreitar os laços entre a escola e a sociedade: as propostas pedagógicas de integração devem considerar os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais de cada região, não aplicando assim métodos (propostas) tipo “receita” em qualquer U.E.

Nem sempre as U.E. estão articuladas através de práticas de gestão participativa e democrática. Porém, para a construção de uma boa identidade devem ser construídas a partir deste contexto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHERING, E. (2003). **Percepções de pais e professores sobre o envolvimento dos pais na educação infantil e ensino fundamental.**

CHRISPINO, A. **Mediação de conflitos: cabe à escola tornar-se competente para promover transformações.** Revista do Professor, Porto Alegre, ano 20, n. 79, p. 45-48, jul./set. 2007.

HERNÁNDEZ, A. M. S. (1995) pág.59-107. **A relação escola e família na opinião de seus agentes.** Dissertação de mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

LAKATOS, Maria Eva. MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia do trabalho científico** /4 ed. São Paulo. Revista e Ampliada. Atlas, 1992.

MARQUES, R. (1999) pág.15. **A escola e os pais, como colaborar?** Lisboa: Texto Editora.

MINAYO, M.C. **O desafio do conhecimento.** Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo- Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 2003.

OLIVEIRA *et al.* **Gestão, Coordenação E Orientação Educacional: Trabalho Integrado Para o Bom Funcionamento Da Escola.** 2010. Revista Pesquisa & Criação - Volume 10, Número 1, Janeiro/Junho de 2011: 51-66.

OLIVEIRA, L. C. F. (2002). **Escola e família numa rede de (des) encontros: um estudo das representações de pais e professores.** São Paulo: Cabral Editora.

REALI, A. M. M. R., & TANCREDI, R. M. S. P. (2002). **Interação escola-famílias: concepções de professores e práticas pedagógicas.** In M. G. N. Mizukami & A. M. M. R. Realí (Orgs.), Formação de professores, práticas pedagógicas e escola (pp.74-98). São Carlos: EdUFSCar.

REALI, A. M. M. R., & TANCREDI, R. M. S. P. (2005). **A importância do que se aprende na escola: a parceria escolas-família em perspectiva.** *Paidéia*, 15 (31), 239-247.

SASSAKI, R.K. Revista da educação especial Inclusão: O paradigma do século 21., Brasília-MEC,out/2005.

TANCREDI, R. M. S. P., & REALI, A. M. M. R. (2001). **Visões de professores sobre seus alunos: um estudo na área da educação infantil. Trabalho apresentado na 24ª Reunião Anual da ANPED.** (pp.1-16). Caxambu. Recuperado em abril, 2006, disponível em [www.anped.org.br](http://www.anped.org.br)